

QUEM É O HERÓI NA MEDEIA DE EURÍPIDES?

WHO IS THE HERO IN THE MEDEA OF EURIPIDES?

Juliana Santana¹

Resumo:

Este artigo se propõe a responder a seguinte questão: quem é o herói da *Medeia* de Eurípedes? Tal questão, que orientou nosso estudo, levou-nos a analisar as duas personagens, Medeia e Jasão, que compreendemos serem os destaques no mundo da tragédia que ora em exame. A poética de Aristóteles é o texto filosófico central de nossa pesquisa, na medida em que ele busca apontar um caráter normativo para definir o que vem a ser uma tragédia. Em seguida, caminhamos na direção de apresentar algumas contestações às elaborações de Aristóteles. Finalmente, construiremos uma posição própria sobre o sentido de herói na tragédia estudada, buscando considerar as ações de Medeia e Jasão no contexto do destino trágico.

Palavras-chave: Medeia; Jasão; Eurípedes; Aristóteles; Tragédia.

Abstract:

This article aims to answer the following question: who is the hero of Euripides' *Medea*? This question, which guided our study, led us to analyze the characters of Medea and Jason, who we understand to be the highlights in the world of the tragedy that is now being examined. Aristotle's *Poetics* is the central philosophical text of our research, as soon as he seeks to point out a normative character to define what a tragedy is. Then, we move towards presenting some challenges to Aristotle's elaborations. Finally, we will build our own position on the meaning of the hero in the studied tragedy, seeking to consider the actions of Medea and Jason in the context of tragic destiny.

Keywords: Medea; Jason; Euripides; Aristotle; Tragedy.



¹ Doutora em Ética e Filosofia Política pela UFSC. Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela UFOP. Professora do Colegiado de Filosofia, do PPG-Letras (Porto Nacional) e da pós-graduação lato sensu em Ética e Ensino de Filosofia da UFT.

Introdução

Este estudo é resultado de uma curiosidade que pode ser assim enunciada: Quem é o herói na peça *Medeia* de Eurípides, se tomarmos como padrão para resposta a esta indagação o que é exigido pela *Poética* de Aristóteles? Esta é a pergunta que norteará este estudo, que se restringe à análise das duas personagens que entendo como centrais na ação que compõe a intriga da tragédia que ora me proponho a visitar: *Medeia* e *Jasão*. Tal questão surgiu a partir da percepção de certas discrepâncias entre a descrição que Aristóteles faz dos traços necessários à composição de personagem identificável como herói e as duas personagens da peça em questão. Questiono se as propostas do filósofo de Estagira pairam somente sobre seu gosto particular quanto aos textos de tragédia que julgava ser os mais belos e adequados ao gênero, constituindo-se assim mais como um estilo de escrita que realmente se poderia chamar de “poética” que num texto de caráter reflexivo filosófico. Por tais motivos, proponho uma análise acerca da peça *Medeia*, às luzes da filosofia da literatura de Aristóteles. Sendo assim, com este estudo procuro definir se, conforme os padrões do filósofo, há um herói de tragédia na peça de Eurípides e se seria *Medeia*.

Para responder a esse questionamento, iniciarei com algumas considerações acerca da *Poética* e de suas exigências para que uma personagem possa ser considerada um herói de tragédia. Serão observados os traços indicativos do herói apresentados no capítulo 13 do tratado em questão, mas chamarei em auxílio algumas questões apontadas pela *Ética nicomaqueia* que possam favorecer ou não a discussão e a interpretação que pretendo fazer neste estudo.

Como sequência, proponho dois momentos que analisarão, porém não de forma exaustiva, aspectos das personagens *Medeia* e *Jasão*. Observarei em que medida ambos podem ser candidatos a herói da peça de Eurípides, bem como os motivos que poderiam me levar a indicá-los ou não como tal. Com isso, procuro definir se, conforme os padrões de Aristóteles, há um herói de tragédia na peça de Eurípides, se seria aquela cujo nome dá título ao poema, e para isso devo reconsiderar as propostas aristotélicas sobre o assunto.

O que é um herói de tragédia, conforme o Livro 13 da *Poética* de Aristóteles

Uma poética, informa Luigi Pareyson (2001), é um tipo de texto que se apresenta normativo. Assim, uma poética proporia aos autores de determinados tipos de arte exigências de composição para que suas obras pudessem vir a ser consideradas belas dentro do seu gênero ou adequadas a um ideal do que se consideraria arte. Portanto, esse tipo de texto refletiria muito do gosto de cada autor desse gênero, mas também os gostos e, por que não, a “moda” quanto à escrita e outros aspectos que pudessem ser distintivos de determinada época. Sendo assim, as propostas trazidas no tratado de Aristóteles, a *Poética*, poderiam ser tomadas como um estudo mais impositivo que reflexivo quanto às suas teorias acerca da tragédia da *Ática*? Aristóteles estaria a propor um manual com normas para esse tipo de fazer poético, e com isso apresentaria uma exposição datada e restritiva quanto às suas imposições para que uma personagem de um texto de tragédia grega pudesse ser considerada um herói?

Na *Poética*, capítulo 13, temos a exposição que o filósofo faz acerca de seus critérios quanto ao que deveria ser considerado o herói de uma peça. Tais critérios,

assim como os demais relativos a outras questões sobre a tragédia formulados ao longo do tratado, podem apresentar um tom impositivo, seguindo o gosto do filósofo. Porém, é preciso observar mais de perto o tratado em questão, bem como a peça da qual me ocupo neste estudo a fim de não cometer injustiças com Aristóteles, bem como de não levá-lo mais a sério que, talvez, ele possa merecer. Somente desse modo poderei dar as respostas que busco às perguntas que faço, acerca de quem representa a figura do herói na tragédia de Eurípides.

Para começo de conversa, posso retornar à leitura de Pareyson acerca do gênero poética e da *Poética* de Aristóteles. Se o autor italiano dá uma definição do que seja uma poética, ele também afirma que Aristóteles, embora autor de uma, não perde por isso seu aspecto filosófico reflexivo. Assim, o estagirita teria elaborado mais que uma poética, pois o seu tratado traz conceitos e investigação próprios a um estudo de cunho filosófico e estético ao abordar, por exemplo, o princípio da unidade da obra e a distinção entre história e poesia (PAREYSON, 2001, p. 19), entre outras questões.

Todavia, isso não implica que o filósofo tivesse total controle sobre o que e como deveria ser uma personagem de tragédia. Portanto, minha dúvida principal persiste: quem é o herói na *Medeia* de Eurípides? Alguma das duas personagens que se destacam na trama - Medeia, que cede seu nome ao título da peça, ou Jasão - poderia ser considerada desse modo? Especialmente se tomo os parâmetros de Aristóteles para tal medida? Ou dever-se-ia estabelecer o herói sem observar as teorias presentes na *Poética*? A ser verdade a proposta de Romilly (2008, p. 39) de que depois de Ésquilo as tragédias foram intituladas com os nomes dos heróis devido ao destaque que agora era dado a esta personagem e sua ação e não mais ao coro e, em Eurípides, boas vezes as peças terem sido intituladas conforme suas heroínas, Medeia seria a personagem principal da peça, sua heroína. Mas é cedo para afirmar isso, é preciso refletir um pouco mais sobre a questão.

Observo que o principal tratado em apreço neste estudo aponta como elementos da tragédia grega o enredo, seguido do caráter, do pensamento, da elocução, da música e do espetáculo, elencados assim em ordem de importância para a composição do drama. O enredo é o crucial para se provocar medo (*phóbos*), piedade (*eleinós*) e catarse (*kátharsis*) no público do teatro grego. Todavia, vou tomar como ponto central para esta discussão o caráter, pois entendo que é na composição de tal elemento que residem os aspectos das personagens de Eurípides que podem me levar às considerações que serão necessárias para a exposição pretendida. Isso porque o tratado mencionado também ressalta que um herói é um homem de índole reta, cujo caráter se destaca frente aos caracteres dos homens comuns. Todavia, não seria perfeito, pois erraria, mas também não o faria por maldade de seus aspectos éticos. O herói seria, assim, um homem de destaque diante da multidão, mas que cometeria uma falta (*hamartía*)² de forma involuntária. Teria em si a fonte de seus atos, mas não a intenção de provocar o prejuízo dos que estivessem à sua volta. Estes aspectos seriam cruciais para que uma boa tragédia

² Ao longo do estudo usarei tanto falta, como falta trágica quanto *hamartía* para me referir ao conceito em questão, ao qual não pretendo definir neste estudo porque extrapolaria o meu propósito; por isso seguirei, nesse caso, a proposta de Hirata (2008, p. 89). Nancy Sherman (1992) indica que o termo, pouco usado na *Poética*, aparece ali pela primeira vez no capítulo 13, quando Aristóteles discute o tipo de peripécias que melhor desperta medo e piedade. Mas sem definição técnica. Portanto, interpretarei, também com o auxílio da autora, suas possibilidades éticas, que são importantes para meu intento.

cumprisse seu papel: provocar o medo e a piedade³, a catarse destas emoções e o prazer que lhe é próprio. Assim, o herói de tragédia, conforme Aristóteles, seria um

[...] homem que não se distingue muito pela virtude e pela justiça; se cai no infortúnio, tal acontece não porque seja vil e malvado, mas por força de algum erro; e esse homem há de ser algum daqueles que gozam de grande reputação e fortuna, como Édipo e Tiestes ou outros insignes representantes de famílias ilustres (*Poética*, 1453a7-11).

Pautada em tal descrição é que reforço minha pergunta: a Medeia, de Eurípides, poderia ser indicada pelos padrões aristotélicos⁴ como heroína da peça que intitula? Ou seria Jasão? Tomarei como medida para a análise proposta o capítulo 13 da *Poética*, mas de modo mais especial a proposta feita em tal capítulo acerca da *hamartía* que segue o herói típico da tragédia, para Aristóteles. Observarei também, quando possível e necessário, algumas teorias sobre o caráter expostas na *Ética nicomaqueia*⁵.

Medeia

Penso que, frente às exigências apresentadas por Aristóteles, talvez não se possa indicar Medeia como heroína da peça homônima. Conforme Aristóteles, um herói não poderia passar da fortuna ao infortúnio sendo bom, porque isso não provocaria medo ou piedade, mas seria repugnante e provocador de indignação. Um herói também não poderia ser mau e se safar, pelos mesmos motivos. Ainda, não poderia ser alguém muito mau que cai em desgraça profunda, porque levaria à simpatia (*philantropía*) e não provocaria medo ou piedade. Portanto, o herói seria um homem nem muito justo, nem perfeito, mas que também não é mau nem perverso, embora erre, cometa uma falta (*hamárteí*).

Então, o ideal de herói pintado pelo filósofo seria o homem nobre (*epieikés*), embora sua situação tenha sido descrita como, de certo modo, repugnante (*mairós* – única ocorrência em *Poética* 13). Todavia, é aquele que desperta simpatia, porque isso mantém, conforme Filomena Hirata (2008, p. 88), a comunidade coesa. Diante de tais considerações, não entendo que Medeia venha a despertar a simpatia da comunidade à época da peça. Não obstante, ela esteve em estado “repugnante”, talvez pela sua condição estrangeira, e também por seus atos.

Desse modo, Medeia parece representar o caso que ocorre a algumas personagens de tragédias gregas, nos quais vemos destacar-se a desmesura (*hýbris*). Esta, conforme Agatha Bacelar (2006), pautada também em Aristóteles, é oposta à virtude ética da temperança descrita na *EN*. “Assim, a oposição, comum nesse período, entre ὑβρις e σωφροσύνη fundamenta-se justamente no aspecto dispositivo do conceito: aquele que comete ὑβρις não possui σωφροσύνη como ἔξις, e aquele que a possui não incorre em ὑβρις” (BACELAR, 2006, p. 235). Portanto, a *hýbris* é traço que a autora citada distingue em muitas personagens estrangeiras dos

³ No público? No personagem? É questão para outra hora.

⁴ Talvez Medeia não coubesse como heroína, não somente conforme os padrões de Aristóteles. É provável que também não calhasse com o que era um caráter aceitável pela comunidade ateniense da época. Por isso, afirma a prof. Jane Kelly de Oliveira (2009, p. 145-146), fora alvo das críticas feitas em peças cômicas de Aristófanes, sendo exemplo disso *As mulheres que celebram as tesmofórias*.

⁵ Título doravante abreviado por *EN*.

textos gregos⁶ e o estrangeirismo de Medeia, que tinha estirpe nobre, talvez não permita estender tal nobreza ao seu caráter desmesurado.

Ainda quanto à questão do caráter do herói e das ações que comete, volto a Hirata, que lê e justifica sua proposição às luzes da *EN*. O herói seria aquele que age de modo involuntário (*ákōn*). Ou, nas palavras de Peter Szondi (2004, p. 99), que compara Sigismundo⁷ a Édipo, “O herói grego cumpre à sua revelia o ato terrível ao tentar evitá-lo [...]”. É esse o homem intermediário descrito pela *Poética* como capaz de sofrer os males próprios da tragédia e não ser ele mesmo mau de caráter (*EN* III 1- V 8). Age por ignorância e por isso não sabe que sua ação provocará danos aos outros (*EN* 1111a2-3); não é, portanto, desmesurado nos termos propostos acima. Porém, o *hamártēma*, a falta acontece quando um agente não sabe o mal que faz, mesmo sendo ele a origem da ação (*EN* 1135b16-19).

Com o auxílio das definições de Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, é possível definir a *hamartía* da *Poética* 1453 a 10 como um ato perigoso, cometido porque o agente não é conhecedor de alguma circunstância vital. A essência da *hamartía* é a ignorância combinada com a ausência de intenção criminosa. Segundo Lucas, simples falta de conhecimento é *áгноia*; *hamartía* é falta do conhecimento necessário se decisões corretas devem ser tomadas. (HIRATA, 2008, p. 89).

Sendo assim, conforme propõe a estudiosa supracitada, para a falta do herói de tragédia é necessária a ação *di'áгноian*, isto é, sem conhecimento do que se faz. E esta só ocorreria em peças cujo enredo fosse complexo, porque solicitaria o reconhecimento (HIRATA, 2008, p. 89). Conforme essas propostas, a falta cometida não seria uma componente do caráter do herói, mas da composição trágica. Hirata cita Else, propositor da teoria em apreço: “A razão por via da qual Aristóteles não a menciona juntamente com a peripécia, o reconhecimento e a catástrofe, é talvez porque ela pode residir fora da própria ação dramática, como no Édipo, em que o erro se dera anos antes” (ELSE, p. 365 apud HIRATA, 2008, p. 90).

Apesar da significância das proposições dos dois comentadores supracitados, seguirei considerando a falta cometida como falta moral, do herói, para poder pensar na situação de Medeia. Isso porque considero desencadeadores da ação trágica na peça estudada a infidelidade de Jasão que leva aos atos de Medeia contra ele, a princesa de Corinto, Creonte e os próprios filhos. Vou considerar, então, que a falha está na personagem. Assim, admitirei a teoria de S. H. Butcher (1932), que toma o capítulo 13 como respeitante ao caráter do herói. Embora eu acredite, como Hirata, que a discussão em curso seja acerca do enredo de tragédia e da ação que o compõe, não entendo que a proposição da análise do caráter destoe disso. Afinal, como haveria uma ação em curso sem um agente que se motiva por questões que o fazem agir, refletindo nas ações a sua moralidade? A questão torna-se ainda mais válida aceitando uma leitura da *Poética* auxiliada pela *EN*: com isso, posso defender que a ação trágica decorre da ação da personagem. E esta deve, como na proposta de Butcher, ser tomada como responsável por sua situação e o que dela deriva. É o que leio nos versos que seguem, quando Medeia conta que convenceu Creonte a deixá-la por mais um dia em Corinto e planeja contra seus inimigos:

⁶ Bacelar vê traços de desmesura também certos personagens gregos: em *Ájax*, na peça homônima de Sófocles (2013), e em várias personagens de Homero, como o Agamêmnon da *Ilíada* (HOMERO, 1962).

⁷ Herói da peça espanhola *A vida é sonho*, escrita por Calderón de la Barca em 1636.

‘Sta feito! Maldade para todo o lado. Quem vai negar?
 Mas de modo algum penseis que ficará assim.
 Ainda há lutas com os novos noivos
 E penas nada pequenas para estes nubentes.
 Acaso achas que o bajularia
 Sem tirar vantagem ou sem tramoia?
 Nem falaria com ele. Nem nele tocaria as mãos.
 Mas ele chegou a tal nível de loucura,
 Que quando foi possível barrar meus planos
 Da terra me banindo, deixou passar este dia para
 eu ficar. Nele três dos meus inimigos deitarei
 mortos: o pai, a moça e o marido, o meu.
 Tenho, muitas rotas, mortais para eles,
 não sei qual primeiro lanço mão, amigas.
 Uma: ilumino a casa dos noivinhos com fogo;
 duas: afiado punhal atravesso pelo fígado,
 entrando em silêncio pela casa, onde se estende a cama.
 Porém, um único problema há: se eu for pega
 invadindo o palácio e tramando,
 sou morta e faço rir meus inimigos.
 Superior é a via direta, para a qual peritas
 nascemos: pegá-los com venenos.
 Eia! Mas, e aí? Mortos, que cidade me acolherá?
 Que estrangeiro guardará meu corpo,
 Oferecerá por asilo terra e palácio seguro?
 Não há. Então, para que alguém surja como
 torre sólida, pouco tempo ainda me resta.
 É isto, na tramoia levo, na calada, esse crime.
 Se as circunstâncias me deixarem sem saída,
 eu mesma pego a espada, na bica da morte,
 e mato! Da audácia vou ao extremo.
 Não! Pela soberana que eu reverencio
 mais do que todos, e tomei como cúmplice,
 Hécate, que habita no seio do meu lar,
 Nenhum dos que agora riem vai ferir meu coração.
 Amargas para ambos – e deploráveis – eu, essas bodas, farei.
 Mas, vai! Nada evites do que sabes,
 Medeia! Planeja e trama! Caminha
 para o terrível! Agora é batalha de coragem.
 Olha o que sofres... não precisas te condenar ao riso
 da laia de Sísifo e pelas bodas de Jasão,
 És nascida de um pai nobre e do Sol!
 Tu sabes! E mais, somos nascidas
 mulheres: para nobrezas, ínfimas,
 mas as mais hábeis artesãs de todos os males (*Medeia*, vv. 364-409).

A longa citação é válida por demonstrar alguns motivos para reflexão acerca das exigências de Aristóteles sobre o herói a serem postas em observação quanto a *Medeia*. Indica o que inviabilizaria que ela fosse uma heroína, ao menos pelo que é descrito na peça de Eurípides, desconsiderando as possibilidades das versões de seu mito, que talvez sinalize para sua *hamartía*. A meu ver, talvez *Medeia* fosse, no contexto da peça, a figura descrita na *EN* (VII 1150b35) como o incontinente⁸: age por cólera (*orgê*) e, embora tomada pela paixão, isto a faz premeditar tortamente as

⁸ A *EN* VII diferencia dois tipos de incontinência: uma por prazer, outra por cólera, embora esta última seja indiciada como incontinência por analogia; o que opõe, novamente, a figura de *Medeia* em Eurípides ao virtuoso dotado de *sôphrosýnê*.

ações que a levarão a atingir seus intentos de vingança, embora saiba que o que faz é reprovável e que não deveria ser feito. Além disso, Medeia também é incontinente por buscar satisfazer um desejo e obter prazer com isso, embora um prazer como é próprio da tragédia, controvérsico por vir da dor, e não físico (como o que ocasiona a verdadeira incontinência). Ela procura o gozo de saciar sua intenção de vingança e com isso o prazer que busca obter tem um travo amargo da dor ocasionada pelo custo da vingança conseguida. Como incontinente, deveria, conforme a *EN*, ser punida pelo caráter voluntário de suas ações. Embora ainda não fosse viciosa e, talvez, até se arrependesse, sendo que isso, talvez, a isentasse da total maldade de caráter consolidada sob a forma de um vício.

Talvez confirme esta interpretação o fato de Jacqueline de Romilly descrever Medeia como abandonada e dominada pela vingança, bárbara, feiticeira, astuta e violenta. Ela seria, assim, a encarnação da paixão, ou de uma força irracional ainda mais poderosa que a paixão. Saberá o que é certo, mas não o fará, seguirá suas emoções e seu raciocínio rumo ao que seria incorreto fazer. Se não tem o amor, procura a vingança, deliberadamente, por escolha própria, e por isso, repito, é responsável por suas ações; nenhum deus interfere no que ela faz, até o fim da peça. Portanto, a meu ver, não comete *hamartía*.

Com efeito, de uma forma geral, as paixões arrastam, no teatro de Eurípides, todas as espécies de violência devidas ao desejo de retribuir um golpe com outro, de fazer sofrer porque se sofre. [...] Porque estes gestos de violência são, primeiro, motivados, depois, preparados ou, mesmo, justificados; e a paixão, em Eurípides, marca-se também por confrontos verbais, ao mesmo tempo ardentes e lúcidos. (ROMILLY, 2008, p. 129)

As mortes que resultam da paixão e da vingança ao fim das peças de Eurípides mostram suas personagens como muito mais humanas que outras de outros tragediógrafos. E mesmo que Romilly escreva que não há muito espaço para que o homem seja “senhor do seu próprio destino” (ROMILLY, 2008, p. 145), penso que, como já indiquei outras vezes, Medeia planeja, sendo responsável por seus atos. Por exemplo, ela é impotente contra as articulações de traição de Jasão, que, por sua vez, é fraco, covarde, mas o embate (*agón*) entre os dois, na maioria das vezes, é verbal⁹, afiado e com *intenção* persuasiva.

Embora mostrando-se também impotente quanto às forças que a arrastam e fazem tramar sua vingança, penso que Medeia não se enquadra na descrição de herói proposta pela *Poética*. Nesse ponto, minha interpretação difere da proposta de Romilly, que pensa que a heroína segue com o que é proposto por Aristóteles, já que representaria um herói de tragédia: seu bom caráter leva à simpatia, provoca medo e piedade, cumpre o propósito aristotélico para a tragédia. Discordo destas afirmações pelos motivos já elencados. Ademais, não acredito nessa proposta do bom caráter de Medeia como algo que poderia caracterizá-la como heroína em molde aristotélico, mais uma vez voltando-me a uma leitura da *Poética* com auxílio das questões sobre o caráter expostas na *EN*. Neste tratado Aristóteles descreve que o homem eticamente bom é aquele que apresenta um caráter firme e imutável, ou dificilmente mutável, uma vez que bem formado. Uma pessoa nobre, não apenas no sentido de ser descendente de alguma realeza, mas sendo nobre de caráter, é descrita como aquela que dificilmente sucumbe às vicissitudes da vida (*EN II*). A

⁹ Talvez influência da retórica da época que cercava o poeta. Ou por seu caráter reflexivo, que fez Romilly chamá-lo de “poeta-filósofo”, ou “filósofo do palco”, como expõe Jaeger (2010).

Medeia de Eurípides – e talvez de algumas das versões míticas – sucumbe e dá a volta por cima a um preço altíssimo. Princesa de Iolco, nem assim deixou de se tornar traiçoeira e vingativa quando contrariada, quando seu desejo e suas paixões a impeliram ou quando sob força divina¹⁰. Talvez tenha sucumbido, como nas propostas de Nussbaum (2009) acerca de Hécuba¹¹, devido a uma fragilidade humana exacerbada por um ambiente comunitário não estável o suficiente para manter um caráter firme. Assim, eu poderia pensar, com a filósofa norte-americana, que a perda da sinceridade botaria a perder a bondade e levaria a todo o questionamento na fala da personagem Medeia citada acima.

No entanto, não me recordo de Aristóteles, em nenhum dos dois tratados, abrir-se para essa possibilidade de haver desgaste do caráter e manter o homem decaído na conta dos que são considerados eticamente bons. Tenho ciência das diferentes finalidades de ambos os tratados que abordo. No entanto, também tenho ciência do aspecto educador que Aristóteles atribuía à poesia e por isso insisto nas considerações acerca do caráter do herói de tragédia serem amparadas, quando há essa possibilidade, nas discussões que são levantadas pela *EN*. E entendo que isso, ao contrário de colocar Medeia como heroína da peça em questão, afasta-a de tal posto.

Jasão

Portanto, agora volto a questionar: quem seria o herói na *Medeia* de Eurípides, conforme Aristóteles, se não Medeia? Tomando em consideração a questão que norteia o estudo e as ponderações acima apresentadas, Jasão também não seria um herói no sentido aristotélico. Vale nova citação longa, pois comprova o que afirmo, revela a trama de Jasão na fala seguinte, proferida por ele a Medeia:

As coisas que reprovaste pelo meu casamento real,
aqui mostrarei: fui antes de tudo sábio,
depois prudente e por fim um grande amigo
para ti e para meus meninos. Quieta! Tranquila!
Quando vim da terra de Iolco para cá,
mil desgraças despencando, sem solução,
que achado achei mais feliz do que esse de casar
com a filha do rei? eu, um exilado?
Não foi rechaçando tua cama – o que te corta –
pelo desejo de nova noiva, que fui atingido!
Não tenho pressa por um monte de crias,
já as que nasceram são suficientes, não reclamo.
Mas como – o melhor – viveríamos? Ao máximo,
e não precisados? Então, eu, sabendo que
todo amigo, qualquer um, foge para longe de um pobre,
desejei criar dignamente os meninos os meninos da minha casa.

¹⁰ Sobre tal possibilidade, ver Graves (2008, p. 663 s.).

¹¹ Sobre as considerações de Nussbaum acerca da firmeza de caráter na *Hécuba* de Eurípides, ver *A fragilidade da bondade* (2009, p. 351-370). As observações que faço aqui não desmerecem a consideração que tenho pela interpretação que Nussbaum faz acerca da fragilidade do bem, conforme Aristóteles. Todavia, não posso admitir neste momento e pelos estudos que já fiz da *EN* e da *Poética* que seja possível admitir que um bom caráter seja corruptível, mantendo o homem eticamente isento de qualquer desmerecimento. É justamente por isso que admito, com Nussbaum, que a felicidade é frágil, assim como o homem, embora seja coisa difícil de acontecer, segundo o que afirma Aristóteles na *EN*.

Aí, semeio irmãos para tuas crias
e na mesma os ponho todos. E, reunida a família,
seremos felizes. Pra que precisas de crianças?
Pra mim resolve tudo, com os frutos que virão
os que vivem lucram. Então?! Calculei mal? (Medeia, vv. 547-567)

Apesar de sofrer com os reveses próprios às mais belas tragédias – e, talvez, de reconhecer em Medeia a responsável por todos os seus males – a meu ver, Jasão também não é o herói ideal descrito por Aristóteles. Como propõe Jaeger, a personagem euripidiana mostra-se como “um covarde oportunista” (2010, p. 400), que não age de forma apenas passional, apesar de destacar seus desejos, mas calcula bem o que faz e o que pretende com suas ações. Por tais motivos, também está longe do herói médio, porém melhor que a maioria dos homens por ter bom caráter que não permite agir de forma vil premeditadamente. Eurípides, afirma ainda Jaeger (2010, p. 401) e com ele concordo, desenha “heróis não heróicos”.

Jasão é também tomado pela paixão que conduz seus interesses e o leva a um cálculo oportunista em prol de satisfazer tanto seus desejos de poder, quanto as suas possíveis intenções de prazer físico. Passa por cima da ex-consorte e dos filhos para satisfazer-se. Com isso, pior que Medeia, Jasão talvez seja um exemplo daquilo que Aristóteles descreveu no Livro VII da *EN* como sendo um homem vicioso por buscar gozo de prazeres físicos (e de outros tipos) desmesuradamente e entender que isso que busca e faz é o correto. A fala transcrita acima confirma-o. Seria, portanto, intemperante porque seu cálculo racional coincidiria com aquilo que deseja, um desejo pervertido eticamente. Dessa forma, também não posso entendê-lo como herói da peça conforme as exigências de Aristóteles, a despeito de sua estirpe nobre, pois seus atos calculados inviabilizam a *hamartía*.

Sendo assim, diante do estudo empreendido, o que parece restar são novas perguntas que ainda precisarei de mais tempo e estudo para responder. Elas são: então, não haveria um herói na *Medeia* de Eurípides? Se ele não é nem Jasão, nem Medeia, quem seria? Ou Aristóteles teria sido exigente em demasia ao propor seus critérios para esse tipo de personagem de tragédia? Precisaríamos ainda analisar Créusa e Creonte¹², mas esta será tarefa para uma outra ocasião.

Considerações finais

Embora as intenções e as ações escolhidas e executadas por Medeia e Jasão possam provocar medo nos espectadores, bem como a piedade por aqueles que acabam por ser vítimas de suas atitudes, não considero que as duas personagens satisfaçam as exigências de Aristóteles acerca de um caráter que se constitua como o de um herói de tragédia¹³. Afirmo isso porque as faltas apresentadas na *Medeia* são originadas neles¹⁴, seus atos são voluntários e intencionais. Portanto, não soam como a falta típica à personagem de tragédia, que Aristóteles associa inegociavelmente à determinação do herói, como aponte antes. Assim, eu não poderia sinalizar Medeia ou Jasão como heróis nos moldes aristotélicos, ainda que

¹² Apesar de não aparecem como personagens de maior destaque da peça.

¹³ Retornando às propostas de Hirata (2008, p. 90) com as quais concordo, talvez só reste como alternativa de herói de tragédia, observando-se a *hamartía* aristotélica e as outras imposições que indicam um herói, o Édipo do *Édipo Rei* de Sófocles.

¹⁴ Talvez seja isso que indicam os vv. 530-531, quando Jasão insinua uma possível versão de que Medeia teria sido forçada pelo Amor (*Erōs*) a salvá-lo.

as propostas do filósofo indicassem apenas seu gosto e não tivessem nada de filosóficas. Talvez a única forma de pôr tudo o que fazem como involuntário fosse admitir, como algumas versões do mito que envolvem Medeia¹⁵, que o encontro dela com Jasão fosse ocasionado por desígnio divino, mas isso extrapola o que estou analisando.

Desse modo, pensando especificamente no caso de Medeia, a única forma que vejo para considerá-la como heroína da peça seria interpretar, como o faz Romilly (2008, p. 178), que o que caracteriza um herói de tragédia seria sua firmeza frente ao desejo e à necessidade de conservar sua honra. Isso justificaria todos os atos da personagem em direção à sua dura vingança contra Jasão. Todavia, a compreensão que tenho das informações acerca do herói contidas na *Poética* não me permitem assentir com esta interpretação num estudo que pretendia analisar a viabilidade de se considerar o herói de *Medeia* às luzes das proposições de Aristóteles.

Referências

- ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.
- ARISTÓTELES. *Aristotle Poetics*. Michigan: Ann Arbor Paperbacks, 2009.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BACELAR, A. As medidas de um conceito: ocorrências de *hýbris* no *Ájax* de Sófocles. *Clássica*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 234-244, 2006.
- BUTCHER, S. H. *Aristotle's theory of poetry and fine arts*. London: Macmillan and Co., 1932.
- EURÍPIDES. *Medeia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- HIRATA, F. A *hamartia* aristotélica e a tragédia grega. *Anais de filosofia clássica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 2008, p. 83-96. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5740385/mod_resource/content/1/hamart%C3%ADa.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019.
- HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- GRAVES, R. *O grande livro dos mitos gregos*. São Paulo: Ediouro, 2008.
- JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LA BARCA, C. *A vida é um sonho*. São Paulo: Hedra, 2008.

¹⁵ Sobre os mitos de Jasão e Medeia que inspiraram a peça de Eurípides, sugiro que se consulte, entre outros livros sobre mitologia grega, *O grande livro dos mitos gregos*, de Robert Graves (2008).

- NUSSBAUM, M. C. *A fragilidade da bondade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- OLIVEIRA, J. K. de. *As funções do coro na comédia de Aristófanes*. 2009. 259f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102382>>. Acesso em: 31 mai. 2022.
- PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROMILLY, J. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- SHERMAN, N. Hamartia and virtue. In: RORTY, A. O. (Org.) *Essays on Aristotle's Poetics*. Princenton: Princenton University Press, 1992, p. 177-198.
- SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- SÓFOCLES. *Ájax*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013.
- SZONDI, P. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Recebido em: 06/2023
Aprovado em: 08/2023